

O Livro Didático de Língua Portuguesa em uma Sociedade Educacional

Jackeline Lima Farbiarz

PUC-Rio

Nathalia Sá Cavalcante

PUC-Rio

Resumo

A partir da análise gráfica de livros didáticos de língua portuguesa para o ensino médio, constatamos que os critérios de avaliação dos livros, apresentados no Guia do livro didático de língua portuguesa para o ensino médio (MEC, 1987) são insuficientes no que tange as relações entre forma, composição, texto e imagem. No presente artigo, refletimos sobre as conseqüências da falta de interação entre os profissionais do mercado editorial responsável pela produção dos livros. Sustentamos que a falta compromete a eficácia do produto junto a um público oriundo de uma sociedade educacional. Constatamos ainda que os agentes envolvidos no processo de produção, divulgação, distribuição e mediação do livro carecem de fundamentação teórica que favoreça o uso, a análise das imagens e a interação com um público que participa de uma sociedade imagética.

Palavras-chave: livro didático, mercado editorial, formação do professor, design gráfico, contemporaneidade, relação texto-imagem

ELEGENDO UM PROTOCOLO DE LEITURA

Duas vozes centralizam a escolha do tema, a opção metodológica, o relato de experiências e a fundamentação teórica que sustentam o presente artigo. Muitas vozes amparam as escolhas, os pontos de vista, as decisões que vão se configurando na busca pelo encontro com os objetivos da temática abordada: o livro didático de ensino médio na sociedade contemporânea.

As vozes que nos apóiam partem de três campos de conhecimento distintos: Design Gráfico, Educação e Letras. Como ponto de interseção, os estudos da cultura e os estudos das linguagens. Nossas vozes partem de opções profissionais plurais. Uma profissional de sala de aula de ensino médio, graduação e pós-graduação com formação em Letras, Educação e com pesquisa em Design e outra profissional de mercado editorial como projetista gráfica e ilustradora e de sala de aula de graduação em Design com pesquisa também em Design.

Em síntese, olhares plurais sobre um objeto, o livro didático, plural, com vistas ao desenvolvimento de uma leitura que considere a relação forma, composição, texto, imagem. Em síntese, olhares plurais, com vistas ao entendimento das contribuições que o campo do Design pode trazer para o contexto da formação de leitores em sala-de-aula e especificamente para o uso da imagem.

APRESENTANDO OS PRECONCEITOS OU “PRÉ-CONCEITOS”

A escolha do tema completou quatorze anos. Ele parte das seguintes premissas, resultantes da observação de sessenta turmas de ensino médio de uma escola particular da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, durante as aulas de Literatura brasileira, entre os anos 1994-2001:

a. Existe um descompasso entre os conceitos de leitura de livro e de leitura de mundo em contextos pedagógicos;

b. acontecem mudanças significativas no modo de participação em sala de aula dos estudantes de ensino médio em decorrência dos avanços tecnológicos;

c. há, a cada ano, uma oferta de livros didáticos de língua portuguesa mais preocupada com a exploração da imagem e com a inclusão de diferentes gêneros discursivos. Quadrinhos, anúncios publicitários, filmes, reportagens de jornais, entre outros, buscam uma convivência harmônica com o gênero texto ficcional;

d. ocorre uma defasagem entre a formação do professor, a demanda do aluno inscrito em uma sociedade educacional e o material didático ofertado pelo mercado.

CONVERSANDO SOBRE A SOCIEDADE EDUCACIONAL

Textos de Castro (1998), Martin-Barbero (2003) e Canclini (2003) dão conta de que, na contemporaneidade, tem havido uma nítida modificação comportamental na forma dos indivíduos se apropriarem do conhecimento. Na era moderna, o conhecimento possuía um local de aquisição específico (a instituição escolar). Havia a ênfase na hierarquização de saberes com disposição linear, com o predomínio de uma cultura em camadas. Na atualidade, há uma divisão de autoridade entre instituições demarcadas como formadoras de conhecimento, a escola, por exemplo, e os meios de comunicação de massa. Ocorre uma mudança tanto no modo de percepção do tempo (simultaneidade, instantaneidade) quanto no modo de percepção do espaço (longe/perto, desterritorialização), com a incorporação de uma cultura incorporadora de diferentes modos de produção e de difusão dos saberes, o que vem provocando uma desordem cultural.

No cotidiano das salas-de-aula encontramos múltiplas mídias, múltiplos suportes de leitura, corroborando a idéia da divisão de autoridade. Mas, enquanto nos deparamos com alunos afeitos às novidades, localizamos professores carentes de fundamentação teórica para lidar com a pluralidade. Em linhas gerais, o corpo docente se ressentia por não saber lidar com a mesma rapidez com o que era considerado natural por uma grande parte dos adolescentes. Apesar da insegurança, contudo, certo é que o contexto da sala-de-aula sofreu transformações a revelia do preparo ou despreparo dos professores para lidar com elas.

Em comum, nas mídias e suportes, a profusão da imagem como recurso e fonte de informação e conhecimento. Rapidamente, no contato com a sala de aula, o professor consegue perceber que aqueles estudantes que nascem sob a égide da sociedade imagética lêem o mundo não só pelo conteúdo verbal, mas também pelo conteúdo visual.

Alunos que, em 1994, não demonstravam afinidade com a internet, foram adicionando-a em seus cotidianos, trazendo, inclusive, suas páginas como fonte principal de consulta nas referências dos trabalhos de pesquisa que eram periodicamente solicitados deles. Os trabalhos, a cada ano, incorporavam mais recursos em suas diagramações. Feitos a partir de programas de computador, eles ganhavam a possibilidade da relação texto-imagem. Agendas de papel foram substituídas por agendas eletrônicas; jogos eletrônicos entraram e saíram de seus cotidianos. A ida ao cinema foi sendo substituída pelos encontros em casa em torno de um videocassete. Em suma, os adolescentes começavam a perceber um universo hipermidiático que tinha nos recursos imagéticos e interativos um grande poder de persuasão.

Após 2001, ano do fechamento das observações das aulas de Literatura Brasileira para estudantes de ensino médio, os avanços prosseguiram. *Msn, chat, fórum, lista de discussão*, entre outros, passaram a compor protocolos diferenciados de estabelecimento e manutenção de relações interpessoais entre os estudantes. *MP4, celular, DVD, DS*, um grande número de novos suportes ocupam espaço em um cotidiano que até então tinha no livro, no jornal, na revista, no cinema e no rádio seus expoentes. Enfim, uma realidade multimidiática avançando a largos passos sobre os contextos pedagógicos e levando o corpo docente à consciência de que a atualização constante já não é apenas uma demanda, é, sobretudo, a fonte de sobrevivência.

RECUPERANDO A HISTÓRIA DA AVALIAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS

Junto às mudanças decorrentes do desenvolvimento da sociedade educacional em detrimento da idéia de um sistema educacional hierarquizado, logo chegaram as alterações no perfil dos livros didáticos de língua portuguesa ofertados. Foi possível observar, nos encontros recorrentes com os divulgadores dos livros em contextos pedagógicos, que novas edições e edições revisadas eram frequentemente apresentadas. Em comum, uma profusão de gêneros discursivos e de imagens passava a fazer parte de páginas até então compostas prioritariamente e quase que integralmente por textos escritos. Em uma primeira impressão, a imagem ia perdendo paulatinamente o caráter decorativo e ganhando o lugar ora de complemento, ora de motivação para os conteúdos abordados. Como justificativa, a demanda dos estudantes, que inscritos em uma sociedade contemporânea, necessitavam de um objeto com o qual pudessem dialogar.

As rápidas transformações repercutiram em instâncias diversas voltadas para o fomento a leitura. Uma das ações que buscaram contribuir positivamente para as relações de ensino-aprendizagem desenvolvidas nas salas-de-aula partiu do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), autarquia federal vinculada ao MEC, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Programa Nacional do Livro Didático de Ensino Médio (PNLEM) e do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

Através do PNLD e do PNLEM foram desenvolvidos processos de avaliação pedagógica dos livros didáticos ofertados pelo mercado editorial. Em parceria com grupos de pesquisa das universidades brasileiras foram estabelecidos critérios de avaliação dos livros. Na área de língua portuguesa especificamente, quatro grandes conteúdos curriculares básicos foram constituídos como parâmetro de avaliação: leitura, produção de textos, linguagem oral e reflexão sobre a língua e a linguagem.

A partir dos critérios, o livro didático de língua portuguesa foi caracterizado tanto como um suporte para outros textos (de diferentes gêneros) quanto como um enunciado em um gênero discursivo específico. Ele passou a ser compreendido como um objeto que aglutina gêneros discursivos com histórias próprias e protocolos de leitura particulares. Por esse viés, características gráficas começaram a ser avaliadas nos livros didáticos tanto no sentido de atender a uma “nova juventude” afeita às novas tecnologias e originária de uma sociedade conhecida como imagética como de facilitar o desenvolvimento dos protocolos de leitura adequados aos gêneros discursivos diversos.

Dentre os critérios estabelecidos para a avaliação dos livros, o item relativo aos aspectos gráfico-editoriais contemplou questões concernentes ao campo do Design, embora de forma bastante restrita.

Especificamente o Programa Nacional do Livro Didático de Ensino Médio (PNLEM) foi implantado em 2004. Ele prevê a universalização de livros didáticos para os alunos do ensino médio público de todo o país. Os dados quantitativos do programa dão conta que:

Em 2006, foram adquiridos 7,2 milhões de volumes, para serem utilizados em 2007, por 6,9 milhões de alunos, ficando 300 mil exemplares para compor a reserva técnica. Foram adquiridos, ainda, 1,9 milhão de livros de português e matemática para reposição dos que foram distribuídos no ano anterior. Foram investidos

R\$ 121,9 milhões no PNLEM. Em 2007, foi feita a escolha dos livros didáticos de história e de química, usados em 2008. Em 2008, serão incluídas as disciplinas de geografia e física para serem utilizadas em 2009, completando, assim, a universalização do atendimento do ensino médio. Foram investidos R\$ 221 milhões. (http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro_didatico.html)

Para a revisão dos livros, o que se constata é que apenas a avaliação de seu conteúdo verbal não é mais suficiente (se é que foi algum dia) para o estabelecimento de sua contribuição para os contextos pedagógicos. A composição das páginas, o uso das imagens, a forma do livro são fatores preponderantes quando se pensa em uma sociedade hipermidiática que valoriza o uso da imagem. É

desta consciência que parte o presente artigo. Ele se sustenta em olhares que buscam congregar texto, imagem, composição e forma no suporte de leitura livro didático, que é entendido como um gênero discursivo que congrega, em suas páginas, diferentes gêneros discursivos.

PENSANDO A QUESTÃO DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO MÉDIO

No que tange ao mercado editorial para o livro didático de língua portuguesa para o ensino médio, é possível observar que existe uma teia que permeia as etapas da produção, comprometendo a questão da qualidade em função das pressões decorrentes do tempo de produção da quantidade de livros que precisam estar no mercado antes do início de cada ano letivo. O livro didático é realizado, em geral, por uma equipe formada por profissionais responsáveis pela edição, direção de arte, iconografia, desenvolvimento do conteúdo (escritor), design gráfico (capista), diagramação (responsável pela composição do miolo do livro, trabalhando a relação texto-imagem), ilustração (desenvolvimento de imagens específicas para cada coleção), revisão, produção gráfica (acompanhamento da impressão) e outros possíveis colaboradores. Trata-se de uma orquestra de muitos profissionais que atualmente têm na figura do editor o maestro que busca o tom afinado para o objeto de leitura *livro com fins didáticos*.

A idéia de trabalho em equipe sob a direção de um editor em prol do desenvolvimento de livros didáticos de qualidade, entretanto, vem apresentando freqüentemente muitos ruídos e pouca interação. Os agentes envolvidos trabalham sob muita pressão de tempo e, em grande parte das vezes, mesmo buscando acertos, não conseguem interagir, limitando suas atuações aos seus contextos e domínios específicos. Assim, a pretensa sinfonia que, em princípio, caracterizaria o mercado editorial para o livro didático, acaba por apresentar um som desafinado que evidencia a face da fragmentação que caracteriza o mercado.

A convivência de individualidades em um pretense conjunto reflete-se na forma do livro, nas escolhas tipográficas múltiplas e no excesso de elementos gráficos. Tanto na forma como no conteúdo, o caráter de fragmentação transforma o espaço da leitura em múltiplos monólogos que tentam estabelecer alguns pontos de contato. Assim como Saussure (*Apud* Orlandi, 1987) nos ensinava, ao informar que o método determina o objeto, e Veyne nos esclarecia, ao apontar que “diante de várias perspectivas metodológicas adotadas, não se trata de um mesmo objeto visto de várias perspectivas, mas de uma multiplicidade de objetos diferentes” (*Apud* Orlandi, 1987), no mercado editorial para o livro didático de língua portuguesa, fica claro como a maneira de fazer se reflete no objeto realizado. Repartido e colado, o tom da fragmentação atinge os conteúdos

dispostos nas unidades, muitas vezes, como uma grande colcha de retalhos, com muitas informações verbais e visuais nem sempre relacionadas.

No que concerne a um olhar específico sobre o uso das imagens, é possível perceber a existência de um entendimento equivocado da imagem apenas como um enfeite, ou seja, como algo que tem a exclusiva função de tornar a leitura mais palatável. Além disso, há, muitas vezes, uma nítida subutilização da imagem em sua relação com o conteúdo verbal apresentado nas unidades desenvolvidas nos livros didáticos de língua portuguesa. Imagens que estabelecem correlações aleatórias ou muito diretas são uma constante. Ora elas estão alocadas apenas como enfeite, resultando em um uso superficial, ora elas estão alocadas como confirmação vazia, cuja previsibilidade não contribui de fato para o caráter recodificador associado à leitura. Assim, o que se percebe é um extenso campo de desperdício em relação às possibilidades de uso da imagem como linguagem no livro didático de língua portuguesa.

As imagens podem contar histórias que não foram desenvolvidas no texto, ou, pelo menos, ela pode contar as mesmas histórias de perspectivas diferentes. Não se trata de estabelecer uma competição entre texto e imagem, mas sim de reconhecer certo analfabetismo em relação ao potencial das imagens no livro didático. Ao lado de um texto sobre elefantes que contextualize o Romantismo, por exemplo, parece óbvio solicitar a ilustração de um elefante fofo para dar graça à página. No entanto, esta literalidade dificulta o desenvolvimento de um pensamento visual que seja capaz de estabelecer relações e de criar sentidos, descobrindo possibilidades de leitura novas, complementares e também antagônicas. A idéia não é julgar se é válido ou não usar a imagem de um elefante, mas apenas abrir a reflexão acerca das escolhas adequadas no uso de imagens no livro didático de língua portuguesa.

Muitas obras de arte são resgatadas de bancos iconográficos e utilizadas para acompanhar poesias ou músicas, contudo, com certa regularidade, essas imagens não têm uma correlação de fato importante em relação ao texto, assim como não são devidamente exploradas como linguagem, como fonte de informação, como gênero discursivo com protocolo de leitura próprio. Existem certas obras de artes que são tão ricas de conteúdo que por si só viabilizam o desenvolvimento de uma aula apenas sobre a sua narrativa. No que diz respeito às obras de arte, inclusive, uma pergunta deve ser feita sobre o porquê de essas imagens acompanharem, geralmente, um tipo de texto como poesia e música e raramente estarem associadas a uma crônica ou a um texto de jornal. A hierarquização na escolha do gênero de imagem que deve acompanhar o conteúdo verbal parece se resguardar de um aparente desconforto ou desalinho preconceituoso que associa poesia à literatura de valor e, crônica, por exemplo, à literatura cotidiana. A reestruturação ou a opção por escolhas menos pré-concebidas poderia favorecer uma curiosidade capaz de gerar correlações surpreendentes.

No que concerne especificamente ao uso da ilustração no livro didático de língua portuguesa, construção aparentemente de mais favorável uso, pois é feita exclusivamente para a publicação, o que se observa é que, muitas vezes, ela aparece apenas para preencher um espaço que o diagramador não conseguiu aproveitar quando do desenvolvimento da composição da página. Outras vezes, o que se percebe é que ela é vista como algo menor, disposta na página apenas para propiciar uma unidade de “enfeite” entre as seções do livro didático. Assim, o seu potencial de transcendência da realidade e da verossimilhança, que poderia ser transformado em contribuição para o conteúdo verbal do livro, não é explorado. Parece faltar ao mercado editorial e também à formação do professor conhecimento acerca da imagem que possibilite percebê-la como enigmas a serem desvendados, como as histórias sem fim de Sherazade.

Sobretudo, no livro didático de língua portuguesa, é possível constatar com bastante frequência a falta de identidade visual entre a capa e o miolo do livro. Mais uma vez, a sonata fragmentada toca ao fundo do projeto editorial do livro didático. No cotidiano do mercado editorial, o que se percebe é a constante falta de comunicação entre o designer gráfico e o diagramador do miolo das edições. A quebra na comunicação desencadeia o descompasso entre a apresentação do livro didático de língua portuguesa, ou seja, sua embalagem, e a sua essência, ou seja, o seu miolo. Além disso, a escolha das imagens de capa não parecem ter a mesma seriedade da escolha do texto de apresentação do livro. Muitas vezes, as associações parecem primárias e distantes do aguçamento visual das novas gerações. No mercado editorial, alguns dos agentes da produção de um livro acreditam que o sucesso de um livro ocorre principalmente pelo seu conteúdo, entretanto, o seu fracasso parece estar bem mais próximo de uma capa não muito eficaz. Em outras palavras, a capa de um livro, na contemporaneidade, não apenas representa uma embalagem para um conteúdo quase sagrado que é o texto, ela corresponde também à sua síntese, sua segunda pele. Ela é, ou melhor, deveria ser algo que sugere, mas não revela, que provoca, mas não entrega.

O livro é um objeto que precisa de integração entre as suas partes através de um projeto gráfico e de uma identidade visual. Para que isso aconteça plenamente, é necessário que se valorize o design no processo de concepção do livro. O designer deveria acompanhar todas as etapas de criação e de produção do livro, a fim de estabelecer um fio condutor que entrelaçasse as informações de forma harmoniosa. Trata-se de uma idéia de fortalecimento da relação entre a forma e sua função a fim de produzir um ambiente visual de acordo com o contexto informacional. Segundo Emmanuel Araújo:

(...) “processo industrial” é tão importante para o editor profissional quanto a preparação de originais, visto que da correta execução dessa nova etapa na feitura do produto livro dependerá a legibilidade ideal do escrito – e sobretudo – combinando-se este a recursos iconográficos, como a intercessão de gravuras, fotografias, mapas, gráficos, etc. para não falar na vital escolha adequada de tipos, na harmonia das páginas e na perfeita impressão de toda a obra. (2000:297)

Menosprezar os múltiplos sentidos, bons ou maus, da imagem na contemporaneidade significa fechar os olhos para um fenômeno que já é um fato: a sociedade da supremacia da imagem. Por isso, uma reflexão atenta e responsável é fundamental para dar conta da visualidade nos objetos de leitura com fins didáticos e para a construção, inclusive, de indivíduos conscientes e alertas às distorções hipnóticas das imagens exageradas, assim como, sensíveis ao lirismo e à poesia possíveis na visualidade.

Em linhas gerais, parece haver um descompasso entre os conceitos de leitura de livro e de leitura de mundos no que diz respeito à produção e ao uso do livro didático de língua portuguesa. A inserção de gêneros diversos em suas páginas, em uma clara tentativa de compatibilizar as demandas do mundo com os conteúdos que precisam ser explorados, em grande parte dos livros, mais descaracteriza os gêneros do que colabora para a sua leitura, análise e recodificação. Fragmentos de textos ficcionais são apresentados, independentemente de sua história se encaminhar para desfechos diferentes; reportagens de jornais são embutidas ao longo de composições de página que não dão conta nem gráfica nem textualmente de sua origem; fotografias carecem de legendas; obras de arte com narrativas próprias sofrem apropriações não condizentes com o período que representam; anúncios publicitários; quadrinhos; charges, enfim, uma infinidade de gêneros discursivos tanto são subtilizados quanto utilizados de forma equivocada.

Em suma, embora teóricos da contemporaneidade tenham exaustivamente ampliado o conceito de leitura, em síntese, é possível constatar que a figura do leitor é exclusivamente associada ao indivíduo que decodifica/recodifica as letras, sendo as fontes de informação oriundas das imagens vistas como menores em um sistema hierarquizado. A idéia, difundida por Paulo Freire (1992), de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, assim como a idéia de que a leitura comporta suportes, gêneros e mídias plurais, não havendo necessidade de hierarquização entre eles (Martins, 1997), muitas vezes, não conseguem suplantar a noção de que a leitura está restrita ao seu conteúdo verbal.

De um modo geral, na revisão dos livros apresentados como aprovados no Guia do Livro Didático do Ensino Médio, disponibilizado pelo FNDE, percebemos que os critérios são insatisfatórios no sentido de atuar em consonância com as metas e possibilidades do campo do Design no desenvolvimento de livros. Em linhas gerais, foi observado que os critérios carecem de uma maior conscientização acerca do valor da imagem na contemporaneidade e do papel do Design no fomento à leitura. Antecipou-se que, na tentativa de conciliar diferentes gêneros discursivos nos livros didáticos de língua portuguesa de ensino médio, dentro de um perfil de pluralidade e simultaneidade característico da contemporaneidade, os projetos editoriais têm gerado estruturas fragmentadas e o uso da imagem vem demonstrando uma hierarquização entre gêneros que, no

âmbito dos Parâmetros Curriculares Nacionais, deveriam estar sendo apresentados de forma equivalente.

Em suma, constatamos que a ação do mercado editorial, muitas vezes, tem demonstrado falta de fundamentação teórica para sustentar as mudanças que estão sendo implantadas. Artigos publicados em 2004 e 2006 demonstram que o mercado apresenta, com certa frequência, uma maquiagem visual no lugar de um estudo sério que englobaria, entre diversos fatores, os Parâmetros Curriculares Nacionais de determinado ano, o potencial de recepção do público-alvo, as competências e habilidades a serem desenvolvidas e o contexto da inserção dos recursos e do material didático. Os artigos enfatizam ainda que é comum o designer ter um conhecimento limitado dos contextos pedagógicos em que interfere, o que compromete o seu duplo papel de formação-informação.

Referências Bibliográficas:

Araújo, E. (2000). *A construção do livro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Brasil. Ministério da Educação. (2007). *Guia de livros didáticos PNLD 2008 : Língua Portuguesa*. Ministério da Educação. Brasília: MEC.

(<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnldport07.pdf>)

(http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=livro_didatico.html) acessado em 31 de março de 2008.

Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gombrich, E. H. (2007). *Arte e ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: UMF e Martins Fontes.

Orlandi, E. P. (1987). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Pontes.

NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS

Jackeline Lima Farbiarz

jackeline@puc-rio.br

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2001), é professora do Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e do programa de pós-graduação de integração das instituições de ensino superior Universidade Estadual de Santa Catarina e Universidade da região de Joinville. Tem experiência nas áreas de Desenho Industrial, Educação e Letras, com ênfase em Design na Leitura, atuando principalmente nos seguintes temas: design na leitura, formação do professor, material didático, representações sociais midiáticas, argumentação e estudos culturais. É supervisora de pesquisa do Núcleo de Estudos do Design na Leitura, vinculado ao Laboratório de Comunicação no Design do Departamento de Artes & Design

da PUC-Rio e coordenadora do grupo de pesquisa Design e Formação de Leitores em Contextos Culturais e Pedagógicos.

Nathalia Chehab de Sá Cavalcante

nathalia.sa.cavalcante@gmail.com

É Especialista em História da Arte e da Arquitetura no Brasil pelo Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1993), Mestre em Design pelo Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003) e Doutoranda em Design na PUC-Rio. Tem experiência em Artes e Design, com ênfase nas áreas de design gráfico, ilustração e design na leitura. Atualmente leciona no curso de Design do Departamento de Artes e Design da PUC-RIO na área de Comunicação Visual. É pesquisadora do Núcleo de Estudos do Design na Leitura (NEL desde 2003) na PUC-Rio.

